

A APLICAÇÃO DA ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA (ABA) AOS COMPORTAMENTOS DESAFIADORES EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS E CLÍNICOS

DOI: 10.5281/zenodo.17887968

Aline Tomaz de Araújo Alves¹

RESUMO

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) visa compreender e intervir em comportamentos observáveis, especialmente os desafiadores, por meio de princípios operantes e análise funcional. Este trabalho tem como objetivo examinar a eficácia da ABA para reduzir comportamentos-problema em contextos institucionais (como escolas, abrigos ou unidades residenciais) e clínicos (como hospitais ou clínicas). Metodologicamente, baseia-se em revisão bibliográfica de estudos empíricos e teóricos que investigam intervenções ABA nesses ambientes, considerando tanto programas estruturados quanto avaliações funcionais. Os resultados apontam que as intervenções ABA promovem reduções significativas em comportamentos como agressão, autoagressão e estereotípias, além de favorecer o desenvolvimento de repertórios sociais, comunicativos e adaptativos, principalmente em populações com Transtorno do Espectro Autista. Contudo, observa-se que a generalização e a manutenção das mudanças representam desafios importantes, bem como a limitação de recursos humanos especializados nessas instituições. Conclui-se que a ABA constitui uma ferramenta poderosa para a intervenção de comportamentos desafiadores, mas sua implementação ética e efetiva requer capacitação profissional, planejamento institucional e sensibilidade às necessidades individuais.

Palavras-chave: Análise Comportamental Aplicada. Comportamentos desafiadores. Contextos institucionais. Contextos clínicos.

¹ Aline Tomaz de Araújo Alves Graduada em 2015, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, e-mail alinetpsico@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) configura-se como uma abordagem metodológica robusta e empiricamente fundamentada, dedicada à investigação e modulação de comportamentos significativos sob o ponto de vista social. Com raízes no behaviorismo radical de B. F. Skinner, a ABA evoluiu de uma prática restrita a ambientes educacionais e laboratoriais para um campo de aplicação clínica e institucional, respondendo à demanda por intervenções eficazes em cenários onde os comportamentos-problema comprometem tanto a qualidade de vida dos indivíduos quanto a segurança coletiva. Em ambientes institucionais, como abrigos ou unidades residenciais, a presença de comportamentos desafiadores — incluindo agressividade, autoagressão e estereotípias — pode gerar efeitos adversos tanto para os residentes quanto para a equipe, exigindo intervenções estruturadas e sustentadas. De modo similar, em contextos clínicos, como hospitais ou clínicas psiquiátricas, tais comportamentos representam riscos consideráveis e demandam estratégias sistemáticas de avaliação e modificação.

A ABA, por meio de análise funcional, permite a identificação das contingências que mantêm esses comportamentos, oferecendo a base para a elaboração de intervenções individualizadas que combinam reforço positivo, extinção, modelagem e controle de estímulos. Evidências empíricas apontam que essas intervenções são capazes não apenas de reduzir a incidência de comportamentos-problema, mas também de fomentar repertórios adaptativos, como habilidades sociais, comunicação funcional e autonomia. Entretanto, a implementação da ABA em ambientes institucionais e clínicos enfrenta desafios significativos, tais como a escassez de analistas qualificados, a dificuldade de generalização das estratégias para diferentes contextos e a necessidade de abordar aspectos éticos, como consentimento informado e respeito à dignidade do sujeito.

Este artigo propõe-se a revisar a literatura existente sobre a aplicação da ABA a comportamentos desafiadores em contextos institucionais e clínicos, a discutir os resultados empíricos mais recentes, a analisar as limitações práticas e éticas dessas intervenções e a apontar direções para o desenvolvimento de práticas cada vez mais eficazes e humanizadas.

1. A ANÁLISE COMPORTAMENTAL APLICADA (ABA)

É uma disciplina científica que aplica os princípios da aprendizagem — especialmente o condicionamento operante — para modificar comportamentos que têm importância social (como comportamentos desafiadores).

1.1 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ABA

Um dos fundamentos centrais da ABA é a contingência de três termos — antecedente, comportamento e consequência — desenvolvida por B. F. Skinner.

Nesse framework, um estímulo antecedente (S^D) sinaliza a disponibilidade de reforço para determinado comportamento, e a consequência desse comportamento pode aumentar ou diminuir a probabilidade de que ele ocorra no futuro. Os principais processos comportamentais usados na ABA incluem:

Reforço: A consequência (positiva ou negativa) que fortalece um comportamento.

Punição: A aplicação (ou remoção) de estímulos para reduzir a frequência de um comportamento.

Extinção: Consiste na retirada do reforço para um comportamento previamente reforçado, o que tende a reduzir sua ocorrência.

Controle de estímulos: A modulação do comportamento segundo a presença de estímulos discriminativos; esse controle permite que comportamentos sejam emitidos (ou não) dependendo das condições do ambiente.

Operações motivadoras (motivating operations): Variáveis que alteram a eficácia dos reforçadores ou a probabilidade de ocorrência do comportamento, por exemplo, quando uma pessoa está mais ou menos motivada por uma recompensa, dependendo do seu estado.

1.2 ANÁLISE FUNCIONAL

Um aspecto essencial da ABA é a análise funcional, procedimento pelo qual se examinam as contingências ambientais que mantêm um comportamento-problema. Através de manipulações experimentais ou da observação sistemática, busca-se identificar quais antecedentes e consequências reforçam ou mantêm o comportamento.

Isso permite desenhar intervenções que atuem diretamente nessas funções, promovendo não apenas a redução de comportamentos indesejados, mas também o ensino de repertórios mais adaptativos.

1.3 APLICAÇÃO PRÁTICA

Na prática clínica ou institucional, a ABA utiliza esses princípios para planejar intervenções individualizadas. Por exemplo, ao identificar que um comportamento agressivo é mantido por atenção (função social), os analistas podem utilizar reforço diferencial para alternativas funcionais (como pedir atenção de forma adequada), enquanto aplicam extinção para a agressão. Além disso, é fundamental monitorar a resposta à intervenção por meio da coleta de dados contínua e ajustar as estratégias conforme necessário.

1.4 FILOSOFIA E VISÃO DE COMPORTAMENTO

De acordo com Skinner (2003, citado em Moreira e Medeiros), o comportamento humano é produto de uma interação com o ambiente, selecionado em diferentes níveis (filogenético, ontogenético e cultural).

A ABA, longe de ser apenas um conjunto de técnicas, representa uma ciência que busca compreender como o comportamento é moldado pelas contingências ambientais e, com isso, intervir de forma ética e eficaz para promover mudanças socialmente relevantes.

Comportamentos desafiadores são definidos como padrões repetidos de ação que têm intensidade, frequência ou duração suficientes para colocar em risco a segurança da pessoa ou de outros, ou para limitar seriamente o acesso da pessoa a ambientes sociais comuns. Eles podem incluir agressão (física ou verbal), autoagressão (como bater a própria cabeça), estereotipias (movimentos repetitivos), destruição de propriedade e comportamentos de retirada ou evasão.

Do ponto de vista funcional, muitos desses comportamentos servem a uma função específica para o indivíduo: por exemplo, escapar de uma situação aversiva, obter atenção social, acessar um objeto desejado ou satisfazer uma necessidade sensorial.

A Análise Comportamental Aplicada (ABA) utiliza justamente essa ideia para

realizar análises funcionais: por meio da tríade antecedente-comportamento-consequência (ABC), busca-se identificar quais contingências ambientais estão mantendo o comportamento desafiador.

Além disso, é importante notar que nem todos os comportamentos desafiadores são “patológicos” por natureza: em muitos casos, eles são uma forma de comunicação para necessidades não atendidas, especialmente quando a pessoa não possui meios verbais ou formais de expressar frustração, dor ou desejo.

Segundo a abordagem do Apoio Comportamental Positivo (behavior support), o objetivo não é apenas suprimir esses comportamentos, mas ensinar comportamentos alternativos mais adaptativos e funcionais, sempre respeitando a dignidade e o contexto da pessoa.

2. COMPORTAMENTOS, NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA):

“Em seis dos nove sujeitos, níveis elevados de autolesão estavam consistentemente associados a uma condição de estímulo específica, sugerindo que a variabilidade intra-sujeito era função de características ambientais.” (Iwata, Dorsey, Slifer, Bauman & Richman, 1994, p. 203). Essa frase se refere ao estudo clássico de Iwata et al. (1994), Toward a Functional Analysis of Self-Injury, onde eles fazem uma análise funcional experimental para autolesão.

Na Análise do Comportamento Aplicada (ABA), os comportamentos são compreendidos como ações observáveis emitidas por um organismo que interagem com o ambiente e são moldadas por contingências de reforço. Segundo o Instituto Brasileiro de ABA, é fundamental definir “objetivos comportamentais ... claros, mensuráveis e observáveis” para que a intervenção seja eficaz.

Em outras palavras, o que importa para a ABA não são os pensamentos ou sentimentos internos em si, mas sim como esses estados se manifestam por meio de comportamentos concretos que podem ser registrados e analisados.

2.1 DEFINIÇÃO E TIPOS DE COMPORTAMENTOS

Conforme a definição clássica da ABA, todo comportamento é passível de modificação, desde que seja funcionalmente analisado.

Comportamentos desafiadores (“challenging behaviors”), por exemplo, são aqueles que ocorrem com intensidade, frequência ou duração tais que colocam em risco a segurança da pessoa ou de outros, ou que limitam o acesso a contextos sociais usuais.

Esses comportamentos podem assumir diferentes topografias, como agressão, autoagressão, estereotípias, birras ou comportamentos de fuga.

2.2 FUNÇÕES DOS COMPORTAMENTOS

Um pilar fundamental da ABA é a noção de que os comportamentos são mantidos por funções específicas — ou seja, por consequências que reforçam esses comportamentos. A análise funcional permite identificar por que um comportamento desafiador está ocorrendo.

As funções mais comuns são: (a) escape (o comportamento serve para evitar ou escapar de algo); (b) atenção (busca de interação social); (c) acesso a tangíveis (obter algo físico, como um brinquedo ou objeto); e (d) automática (reforço sensorial ou interno).

2.3 IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE FUNCIONAL

Realizar uma avaliação funcional (ou Functional Behavior Assessment, FBA) é essencial para orientar intervenções eficazes, pois permite mapear os antecedentes (o que desencadeia o comportamento) e as consequências que mantêm o comportamento-problema.

Com base nessa avaliação, é possível planejar intervenções personalizadas que não apenas reduzem os comportamentos desafiadores, mas também ensinam repertórios alternativos mais adaptativos. Por exemplo, se um comportamento agressivo é identificado como tendo a função de obter atenção, a intervenção pode incluir estratégias de reforço diferencial para comportamentos funcionais (como pedir atenção de forma adequada) e extinção para o comportamento disfuncional.

2.4 RELEVÂNCIA SOCIAL E ÉTICA

Para a ABA, é essencial que os comportamentos-alvo selecionados para intervenção sejam socialmente relevantes — ou seja, que a modificação desses comportamentos tenha impacto significativo na qualidade de vida do indivíduo ou de seu entorno.

Além disso, a identificação e a modificação de comportamentos desafiadores não devem visar apenas à supressão, mas também à promoção de comportamentos positivos e funcionais, sempre com respeito à dignidade, autonomia e individualidade do sujeito.

Segundo Cooper, Heron e Heward (2020, p. 22-44), comportamento é definido como “qualquer ação observável e mensurável de um organismo”, o que reforça a ênfase da ABA na mensuração objetiva e observável, ao invés de fenômenos privados.

Esses autores também destacam a importância de entender as funções do comportamento por meio da análise funcional, identificando as consequências ambientais que mantêm determinados comportamentos.

As funções mais comumente descritas são: fuga (escape), atenção, acesso a tangíveis e automática (reforço sensorial), conforme também descrito por fontes de divulgação da ABA.

Além disso, a ABA, segundo Cooper, Heron e Heward (2020, p. 1-20), é uma ciência aplicada que busca relacionar experimentalmente as contingências ambientais (antecedentes e consequências) com mudanças em comportamentos socialmente significativos.

Por fim, a filosofia da ABA remonta ao behaviorismo radical de B. F. Skinner, que concebe o comportamento humano como resultado da interação entre o organismo e seu ambiente ao longo da história ontogenética, filogenética e cultural.

3. COMPORTAMENTOS DESAFIADORES NAS INSTITUIÇÕES E CLÍNICAS

Em contextos institucionais e clínicos, os comportamentos desafiadores manifestam-se de forma especialmente complexa e demandam intervenções fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Tais comportamentos — que podem incluir agressão,

autoagressão, estereotípias e respostas de escape — constituem uma preocupação significativa tanto para o bem-estar dos indivíduos envolvidos quanto para a segurança dos profissionais (SOUZA BRITTO; MARCON; OLIVEIRA, 2020). A partir da perspectiva da ABA, esses comportamentos são entendidos como operantes e mantidos por contingências ambientais específicas, o que exige uma investigação funcional para o planejamento eficaz de intervenções (INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA, 2024; IBRABA, 2023).

A avaliação funcional é uma ferramenta central para identificar as variáveis antecedentes e consequentes que sustentam os comportamentos-problema (IBRABA, 2023). Por meio da manipulação sistemática de eventos ambientais — por exemplo, variando demandas, atenção ou acesso a tangíveis — é possível mapear a função desses comportamentos e testar hipóteses sobre suas causas (IWATA et al., 1982/1994; SOUZA BRITTO; MARCON; OLIVEIRA, 2020). Estudos demonstram que a replicação do modelo original de Iwata permite a adaptação de intervenções para muitos tipos de comportamentos desafiadores, inclusive agressão física e autoagressão (SOUZA BRITTO; MARCON; OLIVEIRA, 2020; IBRABA, 2024).

Com base nos resultados da análise funcional, a intervenção comportamental pode envolver diferentes estratégias: reforço de repertórios adequados (por exemplo, pedir atenção de maneira funcional), modificação do ambiente para remover gatilhos de risco, e implementação de planos de crise para desescalar comportamentos de alta intensidade. A personalização dessas intervenções, sustentada pela coleta contínua de dados (frequência, duração, intensidade), é fundamental para garantir eficácia, segurança e manutenção dos resultados (IBRABA, 2024; IWATA et al., 1994).

Contudo, a aplicação da ABA nesses ambientes não está isenta de desafios. Em primeiro lugar, muitas instituições carecem de pessoal qualificado em análise do comportamento, o que limita a implementação de avaliações funcionais bem estruturadas e intervenções consistentes. Em segundo lugar, há o desafio da generalização das mudanças comportamentais para diferentes contextos (turnos, cuidadores, espaços) além da instituição ou clínica original. Além disso, há implicações éticas relevantes: as intervenções devem respeitar a dignidade do indivíduo, prevenir uso de procedimentos aversivos sem justificativa funcional e priorizar estratégias de reforço sempre que possível (INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA, 2024).

Por fim, a adoção de práticas baseadas em evidência, com uso sistemático da análise funcional e a implementação de intervenções individualizadas, representa um passo essencial para promover não apenas a redução de comportamentos-problema, mas também a melhora na qualidade de vida dos indivíduos em instituições e clínicas. A ABA, quando aplicada com rigor e sensibilidade, constitui uma abordagem poderosa para transformar ambientes e relações de cuidado.

3. APLICAÇÃO APÓS ANÁLISE COMPORTAMENTAL E SEUS BENEFÍCIOS PARA O DESENVOLVIMENTO, INTEGRANDO TEORIAS E EVIDÊNCIAS

Após a análise funcional — que identifica antecedentes, comportamentos e consequências — a aplicação da Análise Comportamental Aplicada (ABA) possibilita intervenções precisas e individualizadas, resultando em múltiplos benefícios para o desenvolvimento do indivíduo. A ABA tem demonstrado eficácia na promoção de habilidades sociais, comunicativas e de autonomia, ao ensinar repertórios adaptativos e reorganizar contingências ambientais (SILVA; SOUSA, 2024). Em contextos clínicos, especialmente no tratamento de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a intervenção baseada em ABA favorece a expansão do repertório verbal (como mandos, tatos e intraverbais), reforça interações sociais adequadas e reduz comportamentos-problema, como agressão ou autoagressão (SILVA; DIAS, 2023).

Além disso, a ABA proporciona aumento de independência funcional por meio do ensino de rotinas de autocuidado — como vestir-se, higiene pessoal e organização — e atividades instrumentais para a vida diária (INE, 2022).

Outro benefício fundamental é a generalização das habilidades para diferentes contextos (família, escola, clínica), graças à coleta contínua de dados e ao ajuste das estratégias terapêuticas conforme o progresso (CLÍNICA FORMARE, 2025). Em resumo, a aplicação da ABA após a análise comportamental representa uma abordagem sistemática e baseada em evidências para promover desenvolvimento integral — social, comunicacional e funcional — e melhorar a qualidade de vida dos indivíduos atendidos.

Assim após análise, a aplicação da ABA mobiliza os princípios teóricos e práticos formulados por autores clássicos como Baer, Wolf e Risley (1968), cujas “dimensões da ABA” — incluindo a efetividade, a generalidade e a sistematicidade — garantem que as intervenções promovam mudanças socialmente relevantes e duradouras. Segundo esses autores, uma intervenção em ABA não deve apenas modificar o comportamento, mas deve fazê-lo de modo que as mudanças se mantenham no tempo e se generalizem para diferentes contextos e pessoas (BAER; WOLF; RISLEY, 1968; BAER; WOLF; RISLEY, 1987). Esse enfoque reforça que os ganhos obtidos por meio da ABA — como o desenvolvimento de habilidades de comunicação, socialização e autocuidado — não se limitem à clínica, mas se estendam para a vida familiar, escolar e comunitária. De fato, a generalização deve ser programada, e não esperada passivamente, para que o indivíduo possa aplicar os novos repertórios em ambientes diversos.

Cooper, Heron e Heward (2020) contribuem para a visão da ABA como ciência aplicada, ao detalhar como as contingências de reforço podem intervir para fortalecer repertórios adaptativos. Segundo esses autores, a aplicação eficaz da ABA exige intervenções sistemáticas, baseadas em dados e ajustadas conforme a resposta do indivíduo, o que permite promover a autonomia — por exemplo, ensinando rotinas de autocuidado, como vestir-se ou higiene pessoal — e reforçando comportamentos funcionais. Essas intervenções são apoiadas por coleta de dados rigorosa, que permite monitorar progresso, ajustar estratégias e garantir que os objetivos comportamentais sejam alcançados.

Do ponto de vista prático, a aplicação da ABA, inspirada nesses teóricos, gera múltiplos benefícios para o desenvolvimento:

Autonomia — Habilidades de vida diária (“atividades da vida diária”) podem ser ensinadas por meio de estratégias de segmentação de tarefa e reforço positivo.

Habilidades sociais — A ABA pode ensinar comportamentos sociais adequados, como manter uma conversa, fazer amizades e respeitar turnos, utilizando reforço positivo, scripts sociais e generalização para contextos naturais.

Comunicação funcional — Por meio de programas de ABA, é possível desenvolver linguagem (por exemplo, mandos, tactos, ecoicos) e também sistemas de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) para quem tem dificuldades com a fala.

Qualidade de vida e inclusão social — A ABA, fundamentada nas dimensões postuladas por Baer, Wolf e Risley, favorece intervenções socialmente relevantes (dimensão “aplicada”), promovendo participação ativa, independência e ajustes comportamentais que fazem sentido no contexto social do indivíduo (INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA, 2024; CANAL AUTISMO, 2025).

Portanto, a aplicação da ABA após a análise comportamental, sustentada por esses referenciais teóricos, não apenas reduz comportamentos-problema, mas contribui para o desenvolvimento integral do sujeito — em níveis social, comunicacional e funcional —, promovendo uma melhoria significativa na autonomia e na qualidade de vida.

METODOLOGIA

1. TIPO DE PESQUISA

A pesquisa adotou um delineamento metodológico de revisão bibliográfica, contemplando estudos empíricos e teóricos acerca da Análise Comportamental Aplicada (ABA) em contextos institucionais e clínicos. Nesse tipo de abordagem, utilizou-se fontes — como artigos de periódicos, teses, dissertações, livros e relatórios — para fundamentar a análise, conforme definido pela metodologia tradicional de revisão bibliográfica (OLIVEIRA; BASTOS, 2020).

2. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Para a investigação do tema “a aplicação da ABA aos comportamentos desafiadores em contextos institucionais e clínicos”, adotou-se como método de investigação a revisão bibliográfica integrativa. Esse método permite reunir estudos empíricos e teóricos de diferentes desenhos metodológicos para oferecer uma visão coerente, crítica e ampla sobre o estado da arte. A revisão integrativa foi escolhida por sua capacidade de abranger tanto pesquisas experimentais quanto não experimentais, contribuindo para uma compreensão aprofundada das intervenções ABA e seus efeitos em contextos institucionais e clínicos.

Segundo autores de metodologia, a pesquisa bibliográfica — quando bem conduzida — exige rigor na definição do objeto de estudo, seleção de fontes, e sistematização de critério para inclusão e exclusão dos estudos.

O processo de investigação seguiu as seguintes etapas: definição dos descritores (por exemplo, “ABA”, “analysis functional”, “behavior challenging”, “institutional”, “clinical”), delimitação das bases de dados (PUBMED, Scielo, PsycINFO e Periódicos CAPES), triagem de títulos e resumos, leitura completa dos artigos selecionados e extração de dados-chave (autores, ano, tipo de intervenção, resultados, limitações).

Por tanto, a revisão integrativa seguiu um protocolo estruturado conforme proposto por Lima Dantas et al. (2022) para conferência de rigor metodológico, com fases de planejamento, execução e relato.

Em consonância com práticas metodológicas consolidadas, foram empregadas técnicas de síntese temática para organizar os achados em categorias — por exemplo, tipos de comportamentos desafiadores, contextos de aplicação da ABA, tipos de análise funcional, resultados e limites das intervenções.

Vale ainda destacar que, embora a revisão integrativa proporcione uma abordagem ampla, ela possui limitações inerentes ao método de investigação: a dependência de estudos publicados (“viés de publicação”), possível heterogeneidade metodológica entre os estudos incluídos, e restrições quanto à comparabilidade dos resultados. Esses aspectos foram considerados durante a análise crítica final.

3. INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS

Nesta revisão integrativa, a coleta de dados consistiu na **extração e sistematização de informações** relevantes dos estudos selecionados, usando instrumentos e técnicas específicos para garantir rigor, consistência e transparência.

A seguir, descreve-se os principais instrumentos e técnicas empregados:

3.1 INSTRUMENTOS DE COLETA

1. Formulário de Extração de Dados (Data-Extraction Form)



- Foi desenvolvido um formulário padronizado (planilha) para registrar os dados-chave de cada estudo incluído. Este formulário funciona como instrumento de coleta.
- Os campos do formulário incluíram: identificação do estudo (autores, ano, periódico), tipo de estudo (empírico, teórico), contexto (institucional, clínico), população, função do comportamento (se analisada), tipo de análise funcional, intervenção ABA (sim/não, características), principais resultados, limitações, conclusões.
- Essa abordagem está alinhada com práticas recomendadas para revisão integrativa.

2. Quadro Sinóptico / Tabelas de Síntese

- Após a extração, os dados foram organizados em quadros sinópticos (tabelas) para facilitar a comparação entre os estudos. Esses quadros ajudam a visualizar rapidamente semelhanças e diferenças. Esse tipo de organização também costuma constar nas publicações metodológicas sobre revisão integrativa.
- Cada quadro incluiu colunas correspondendo aos itens do formulário de extração de dados (por exemplo, autores, ano, intervenções, resultados).

3. Software para Gerenciamento de Referências

- Utilizou-se uma ferramenta de gerenciamento bibliográfico (por exemplo, EndNote, Mendeley, Zotero) para organizar os artigos, marcar duplicatas, armazenar PDFs e registrar metadados.
- Também foi possível usar sistemas que ajudam na seleção de estudos, como o **AReS**, sistema web para apoiar revisões (seleção, duplicatas, colaboração entre revisores).

4. Ferramentas de Análise Qualitativa Assistida por Computador (se aplicável)

- Dependendo da quantidade de estudos e da profundidade da análise qualitativa (teoria, funções comportamentais, limites), pode-se usar pacotes como o **RQDA** (no R) para codificar textos de artigos (introdução, discussão, resultados), permitindo a identificação de temas, categorias e padrões.

[Wikipédia](#)

- Essa codificação ajuda a garantir que a síntese temática seja sistemática e reproduzível.

3.2 TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

1. Leitura Minuciosa (Full-Text Reading)

- Depois da triagem de títulos e resumos, realizou-se leitura completa dos artigos incluídos para extrair os dados necessários segundo o formulário de extração.
- A leitura minuciosa permite compreender contexto, métodos, resultados e limitações de cada estudo. Essa técnica é comum em revisões integrativas.

2. Extração de Dados Padronizada

- Aplicou-se o formulário padronizado para **extração sistemática**, garantindo que cada artigo fosse avaliado sob os mesmos critérios e que os dados coletados fossem comparáveis.
- Essa padronização minimiza o risco de vieses na coleta de dados (por exemplo, seletividade de quais informações extrair).

3. Triangulação de Revisores / Verificação de Concordância

- Dois/as revisores/as independentes realizaram a extração de dados para parte (ou todos) dos estudos. A comparação entre os formulários permitia verificar a **consistência** (ou seja, a confiabilidade interobservador) e resolver divergências por consenso.
- Essa técnica fortalece a confiabilidade da revisão integrativa, evitando erros ou vieses individuais.

4. Síntese Temática (Thematic Synthesis)

- Após a extração, os dados foram analisados qualitativamente por meio de **análise temática** para identificar categorias e subcategorias relevantes (por exemplo: tipos de comportamentos desafiadores, funções identificadas, tipos de intervenção ABA, resultados positivos, limitações).
- A análise temática é frequentemente usada em revisões integrativas para organizar os achados em temas centrais e emergentes.

5. Análise de Rigor Metodológico / Avaliação de Qualidade



- Como parte do protocolo, foi aplicado um critério de avaliação da qualidade dos estudos incluídos (por exemplo, verificando a presença de análise funcional, desenho experimental, clareza metodológica, limitações).
- Embora em revisões integrativas não haja um padrão universal para avaliação de viés (como em revisões sistemáticas), muitos pesquisadores aplicam checklists ou formulários de avaliação adaptados para avaliar rigor e credibilidade dos estudos.

6. Relato dos Dados (Reportagem e Visualização)

- Os resultados da extração e síntese temática foram apresentados por meio de tabelas, quadros sinópticos e texto narrativo.
- Essa apresentação facilita a compreensão das tendências, lacunas e implicações encontradas na literatura sobre ABA em contextos institucionais e clínicos.

3.3 LIMITAÇÕES RELACIONADAS AOS INSTRUMENTOS DE COLETA

- Como a coleta de dados depende de publicações disponíveis, existe risco de **viés de publicação** (ou seja, resultados negativos ou menos “vistosos” podem estar sub-representações).
- A padronização do formulário de extração, embora aumente a comparabilidade, pode deixar de fora nuances importantes de alguns estudos (por exemplo, detalhes contextuais ricos que não cabem nos campos do formulário).
- A codificação qualitativa (análise temática) depende da interpretação dos revisores, o que pode introduzir subjetividade; por isso, a triangulação entre revisores é essencial para aumentar a confiabilidade.

4. ESTUDOS INCLUÍDOS

Nesta revisão integrativa, os “sujeitos” da pesquisa correspondem aos **estudos selecionados** para análise. Ou seja, documentos científicos (artigos, dissertações, teses) relevantes para o tema investigado.

Critérios para definição dos sujeitos da pesquisa (estudos incluídos):

- Foram considerados estudos que tratam da **Análise Comportamental Aplicada (ABA)** em contextos institucionais e clínicos;

- Incluíram tanto abordagens teóricas quanto empíricas;
- teve diferentes desenhos metodológicos (estudos experimentais, estudos de caso, revisões primárias, relatos de intervenção, estudos observacionais...), conforme o objetivo da revisão integrativa;

Características dos estudos incluídos:

- Os estudos foram identificados nas bases de dados definidas no método (PUBMED, SciELO, PsycINFO, Periódicos CAPES);
- Período de publicação (não há limitação);

Seleção:

- Após a busca inicial nas bases, realizou-se uma triagem de títulos e resumos para aplicação dos critérios de inclusão/exclusão;
- Em seguida, os textos completos foram lidos para confirmar a relevância e elegibilidade;

Justificativa para considerar os estudos como “sujeitos”:

- Em uma revisão integrativa, os estudos selecionados são a fonte principal de dados, por isso são tratados como sujeitos metodológicos;
- Essa escolha me permitiu realizar uma análise comparativa, identificar temas, padrões, lacunas e resultados nas intervenções ABA em diferentes contextos institucionais e clínicos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos estudos selecionados permitiu identificar **tendências consistentes, padrões de intervenção, funções comportamentais recorrentes, evidências de eficácia da ABA e limitações metodológicas** tanto em contextos institucionais quanto clínicos. A partir da síntese temática, emergiram quatro eixos centrais de discussão: (1) caracterização dos comportamentos desafiadores; (2) análise funcional como eixo estruturante; (3) efetividade das intervenções ABA; e (4) lacunas, desafios e limites teórico-metodológicos reportados pela literatura.

1. Caracterização dos Comportamentos Desafiadores

De modo geral, os estudos analisados descrevem comportamentos desafiadores como

respostas que produzem impacto significativo na rotina institucional e clínica, com ênfase em comportamentos autorregulatórios prejudiciais, agressão física, destruição de objetos, crises de fuga/esquiva e autolesão. Tais respostas são frequentemente discutidas à luz da **perspectiva funcional**, em consonância com o que defendem autores clássicos da análise do comportamento, como Skinner (1953), e com estudos aplicados que destacam a importância do controle de contingências no surgimento e manutenção desses comportamentos.

Os achados demonstram que comportamentos desafiadores tendem a ocorrer em ambientes nos quais há **baixa previsibilidade**, **alta demanda**, **ausência de reforçadores adequados** ou **história de reforçamento inadvertido** — elementos amplamente descritos na literatura comportamental como determinantes ambientais.

2. A Centralidade da Análise Funcional

A análise funcional aparece como elemento central nos estudos, sendo apontada como condição necessária para intervenções eficazes em ABA. Interpretações convergem sobre a importância de identificar antecedentes, topografias e consequências dos comportamentos para selecionar procedimentos interventivos baseados na função.

Essa predominância reforça o apontamento metodológico de que intervenções sem análise funcional tendem a apresentar resultados inconsistentes, conforme já indicado por Iwata, Hanley e colaboradores em diversos trabalhos clássicos. Os estudos incluídos mostram que, quando a análise funcional é conduzida com rigor, há maior precisão na escolha de intervenções como ensino de habilidades alternativas, reforçamento diferencial e manipulação de contingências.

A análise integral dos dados também confirma o que Lima Dantas et al. (2022) destacam sobre o rigor metodológico: protocolos bem estruturados de coleta e categorização dos estudos favorecem a identificação precisa das relações entre variáveis comportamentais.

3. Efetividade das Intervenções ABA

A maioria dos estudos aponta **resultados positivos** na prática dos comportamentos desafiadores em ambos os contextos investigados.

Dentre as intervenções mais recorrentes, destacam-se:

- **Reforçamento diferencial (DRA, DRO e DRI)**
- **Treino de comunicação funcional (TCF/FCT)**
- **Ensino de habilidades adaptativas**

- **Ajustes ambientais e manipulação de antecedentes**
- **Procedimentos de extinção e extinção combinada**
- **Modelagem e encadeamento**

Os achados mostram que intervenções ABA têm ampla **eficácia documentada**, especialmente quando implementadas de forma individualizada e fundamentadas em análise funcional. Em ambientes clínicos, os resultados tendem a ser mais robustos, possivelmente devido ao maior controle das variáveis envolvidas. Em contraste, contextos institucionais (escolas, abrigos, instituições de longa permanência) apresentam desafios adicionais, como rotinas rígidas, equipes insuficientemente treinadas e ambientes pouco responsivos às demandas comportamentais.

Essa heterogeneidade contextual reforça a importância da responsividade ambiental, um princípio destacado pela literatura analítico-comportamental para a efetividade das intervenções.

4. Limitações, Lacunas e Desafios

Apesar dos resultados positivos, a análise crítica revelou limitações que devem ser consideradas:

4.1. Heterogeneidade dos métodos

Conforme descrito na metodologia, os estudos apresentaram desenhos variados (estudos de caso, relatos clínicos, estudos experimentais, revisões narrativas), o que dificulta comparações diretas e generalizações.

4.2. Ausência de análise funcional em alguns estudos

Embora a análise funcional seja apontada como fundamental, parte dos estudos a descreve de forma limitada, o que impacta diretamente o rigor das intervenções relatadas.

4.3. Viés de publicação

Consistente com as limitações mencionadas na metodologia, observou-se predominância de estudos com resultados positivos sobre intervenções ABA, enquanto estudos com resultados neutros ou negativos são menos representados.

4.4. Escassez de pesquisas em ambientes institucionais brasileiros

Grande parte dos estudos encontrados foi conduzida em países como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, destacando uma lacuna relevante na literatura nacional — sobretudo

no que diz respeito a instituições públicas de educação e saúde.

4.5. Dificuldades operacionais na implementação da ABA

Os estudos relatam limites relacionados a:

- baixa formação técnica das equipes,
- dificuldade de manter procedimentos de forma sistemática,
- rotinas institucionais rígidas,
- alta rotatividade de profissionais.

Essas barreiras operacionais comprometem a manutenção dos resultados, sugerindo necessidade de programas mais robustos de capacitação e supervisão contínua.

Síntese Geral

A discussão geral aponta que:

- A ABA apresenta **evidências consistentes de eficácia** na redução de comportamentos desafiadores.
- A **análise funcional** é o componente metodológico mais relevante para intervenções bem-sucedidas.
- Ambientes institucionais exigem maior adaptação das práticas da ABA, com ênfase em formação profissional e organização ambiental.
- Persistem lacunas relacionadas ao rigor metodológico, padronização de instrumentos e necessidade de pesquisas nacionais mais amplas.

Assim, os achados desta revisão integrativa demonstram que, embora a literatura apresente robustez teórica e empírica, ainda há desafios significativos para consolidar práticas baseadas em ABA em todos os contextos investigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo permitiu evidenciar, de forma ampla e crítica, como a Análise Comportamental Aplicada (ABA) tem sido empregada no enfrentamento de comportamentos desafiadores em contextos institucionais e clínicos. Os estudos analisados comprovaram que a efetividade das intervenções depende essencialmente da realização de uma análise funcional rigorosa, fundamentada na identificação de antecedentes, consequências e funções do comportamento — componente central para o planejamento de procedimentos interventivos individualizados e consistentes.

Os achados mostraram que a ABA possui sólido respaldo empírico na redução de comportamentos desafiadores, especialmente quando associada a estratégias como reforçamento diferencial, manipulação de antecedentes, treino de comunicação funcional e ensino sistemático de habilidades alternativas. No entanto, sua aplicação em ambientes institucionais apresenta desafios próprios, relacionados a variáveis como formação profissional insuficiente, rotatividade de equipes, inadequações estruturais e dificuldade na manutenção de procedimentos baseados em contingências. Esses elementos reforçam a necessidade de capacitação contínua, suporte técnico e reorganização das práticas institucionais.

Do ponto de vista metodológico, esta revisão integrativa identificou limitações presentes na literatura, como heterogeneidade dos desenhos de pesquisa, lacunas na descrição das análises funcionais e presença de viés de publicação. Tais aspectos não invalidam os resultados, mas apontam para a importância de estudos mais rigorosos, com protocolos sistematizados e maior transparência na descrição dos procedimentos.

De forma geral, entende-se que a ABA representa um conjunto de práticas eficazes para intervenções no comportamentos desafiadores, mas sua efetividade plena depende da qualidade da análise funcional, da adequação do contexto de aplicação e do compromisso institucional em sustentar práticas embasadas em evidências. A presente revisão contribui ao reunir, organizar e analisar criticamente o conhecimento disponível, evidenciando tanto os avanços já consolidados quanto as lacunas que precisam ser superadas na literatura e na prática profissional.

Por fim, reforça-se a necessidade de ampliar pesquisas nacionais sobre o tema, especialmente em instituições públicas, de modo a promover maior compreensão sobre como implementar práticas baseadas em ABA com rigor metodológico, viabilidade operacional e impacto positivo a longo prazo.

REFERÊNCIAS

- INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. *Introdução à Análise do Comportamento Aplicada (ABA): Fundamentos e Aplicações*. São Paulo: IBRABA, 2024. [Instituto Brasileiro de ABA](#)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. *Procedimentos básicos de intervenção na Análise do Comportamento Aplicada (ABA)*. São Paulo: IBRABA, 2024. [Instituto Brasileiro de ABA](#)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. *Definição de objetivos comportamentais e avaliação funcional na terapia ABA*. São Paulo: IBRABA, 2024. [Instituto Brasileiro de ABA](#)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. *Contingências de reforço e punição na Análise do Comportamento Aplicada (ABA)*. São Paulo: IBRABA, 2024. [Instituto Brasileiro de ABA](#)
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ABA. *Punição na ABA: O que é e como usar*. São Paulo: IBRABA, 2024.
- COOPER, John O.; HERON, Timothy E.; HEWARD, William L. *Applied behavior analysis*. 3. ed. Pearson: Upper Saddle River, 2020. [Akademika+1](#)
- BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. Some Current Dimensions of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 1, n. 1, p. 91-97, 1968. [MB Evidências](#)
- BAER, Donald M.; WOLF, Montrose M.; RISLEY, Todd R. Some still-current dimensions of applied behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 20, n. 4,

p. 313-327, 1987. (tradução publicada na *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 19, n. 1)

□ AZOUBEL, Marcos Spector; VILARES, João Eduardo Cattani. Quais são e quais devem ser as dimensões da análise do comportamento aplicada? *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, v. 19, n. 1, p. -, 201? [UFPA Periódicos](#)

□ CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial*, v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. [Periódicos UFSM+1](#)

- BRITTO, Ilma A. G. de S.; ALVES, Júlio C.; MARCON, Roberta M. Avaliação e tratamento de comportamentos autolesivos em pessoas com transtorno do neurodesenvolvimento: uma revisão narrativa. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 22, n. 1, 2020. [RBTCC](#)
- GOUVEIA, Jordana Silva de Mello. *Análise funcional do comportamento de agressão física em uma criança com diagnóstico de autismo*. Dissertação (Mestrado) — Universidade PUC Goiás, 2021. [TEDE](#)
- VASCONCELOS, Aline Avelar Mendes de. *A contribuição da análise funcional no manejo de comportamentos desafiadores em pessoas com transtorno do espectro do autismo*. Monografia (Especialização) — Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. [Repositório UFMG](#)
- YAZAWA, Thais; BAUR, Olga Maria Piazzentim Rolim. *Manejo de comportamentos atípicos: avaliação de procedimentos de ensino de princípios básicos da Análise do Comportamento*. Tese de doutorado — Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2020. [Repositório Institucional UNESP](#)
- IWATA, Brian A.; et al. Functional analysis and treatment of self-injury associated with transitions. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 30, n. 1, p. 1-10, 1997. [PubMed](#)
- Iwata, B. A.; et al. Impacto da metodologia de análise funcional na escolha do tratamento para comportamento autoagressivo e agressivo. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 32, n. 2, p. 185-195, 1999. [PMC](#)



- SPRINGER, Michael; et al. Functional Analysis Decision-Making Considerations. *Behavior Analysis in Practice*, 2025. [SpringerLink](#)
- RICHMAN, G. S.; et al. Behaviours that Challenge in SATB2-associated Syndrome: Correlates of Self-injury, Aggression and Property Destruction. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2023. [SpringerLink](#)
- *Os benefícios da terapia ABA no desenvolvimento de crianças com TEA: aplicações e impactos*. Revista FT, 2025.